

## TRADIÇÃO MÁGICA MEDIEVAL NA CONTEMPORANEIDADE: AS PRÁTICAS DE DESENCANTO DE TESOuros NO *GRANDE LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O THESOuro DO FEITICEIRO* (1895)

**Inês Teixeira Barreto**

Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História (PUC-SP)

intx.barreto@gmail.com

### **Resumo**

São Cipriano é um santo cuja história de conversão conta como abandonou a feitiçaria e o pacto com o demônio para se tornar um mártir católico. Sua ligação com os poderes infernais o transforma em uma espécie de padroeiro das práticas mágicas e surge, a partir do século IV, toda uma tradição de magia escrita em seu nome, que alcançou a Península Ibérica no século XVII e chegou ao Brasil no século XIX. O presente artigo traça uma breve trajetória dos textos de magia ligados a São Cipriano, assim como os manuscritos e livros ibéricos sobre o tema. Pretende-se ainda abordar as relações entre o *Grande Livro de São Cipriano: O Tesouro do Feiticeiro*, publicado em Portugal por volta de 1895, e práticas medievais de desencanto de tesouros relacionadas à necromancia. Para tanto, compara-se um feitiço do *Tesouro do Feiticeiro* com um procedimento de desencanto de tesouros contido nos *Manuscritos de Munique*, textos estudados pelo historiador Richard Kieckhefer no clássico *Magic in Middle Ages*.

**Palavras-chaves:** Magia; Necromancia; São Cipriano

### **Medieval Magic Tradition in Contemporary Times: Treasure Disenchantment Practices in *O Grande Livro de São Cipriano: O Tesouro do Feiticeiro* (1895)**

### **Abstract**

Saint Cyprian is a saint whose conversion story tells how he abandoned magic and a pact with the devil to become a Catholic martyr. His connection to infernal powers transformed him into a kind of patron saint of magical practices, and from the 4th century onwards, an entire tradition of written magic emerged in his name, reaching the Iberian Peninsula in the 17th century and arriving in Brazil in the 19th century. This article traces a brief trajectory of the magic texts linked to Saint Cyprian, as well as the Iberian manuscripts and books on the subject. It also aims to address the relationship between the *O Grande Livro de São Cipriano: O Tesouro do Feiticeiro*, published in Portugal around 1895, and medieval practices of disenchanting treasures and necromancy. To this end, it compares a spell from the *Tesouro do Feiticeiro* with a treasure disenchantment procedure contained in the *Munich Manuscripts*, texts studied by historian Richard Kieckhefer in the classic *Magic in Middle Ages*.

**Palavras-chaves:** Magic; Necromancy; Saint Cyprian

## **Introdução**

São Cipriano de Antioquia é uma figura quase marginal no cânone da Igreja Católica, que divide seu nome com São Cipriano de Cartago, um bispo e teólogo importante da Idade Média. Mas a relação do santo com a magia fez com que ele se tornasse mais popular que seu homônimo, até o ponto no qual as duas figuras se confundem.

Inicialmente ligado a feitiços de amor e proteção, São Cipriano se torna uma espécie de padroeiro de diferentes práticas de magia e, em especial, das operações para o encontro de tesouros, que são derivadas de tradições ligadas aos livros de magia medievais. Os livros atribuídos a São Cipriano podem ser classificados como grimórios que, segundo Owen Davies (2002, p.1-12), são obras com conjurações e feitiços, instruções para produzir amuletos e talismãs, invocar espíritos, anjos e demônios, encontrar tesouros escondidos por meio de magia, adivinhar o futuro e produzir remédios. A palavra seria derivada do francês *grammaire*, cujo significado é "texto escrito em latim". Os primeiros grimórios são originados em mosteiros e ambientes letrados masculinos da Idade Média, inspirados e derivados de textos da Antiguidade, como os Papiros Mágicos Greco-Egípcios. Começaram a se tornar mais populares a partir do século XV, primeiramente entre clérigos que se dedicavam a estudos como astrologia e alquimia, e depois entre outras camadas da população. Os grimórios com frequência são atribuídos a figuras mitológicas cristãs, como a *Chave de Salomão*, a *Espada de Moisés* e o *Livro de São Cipriano*, entre outros.

Muitas vezes marginalizado nas pesquisas referentes aos grimórios e às práticas de magia escritas, os livros atribuídos a São Cipriano se tornam populares no Brasil, reeditados repetidas vezes desde a sua chegada ao país, por volta de 1870 (Barreto, 2022, p. 66). Apesar de sua formatação atualizada, guarda muitos traços tanto da tradição oral portuguesa quanto dos grimórios medievais.

## **Origens das práticas mágicas ligadas a São Cipriano**

Para as igrejas Católica Romana e Ortodoxa Russa, existem dois santos diferentes chamados Cipriano: de Cartago, bispo e teólogo, autor do tratado *Patrística* e canonizado por suas contribuições intelectuais ao Catolicismo; e de Antioquia, o feiticeiro convertido, canonizado após seu martírio. Aqui será abordada a história de São Cipriano de Antioquia, mas acredita-se que fazer uma distinção clara entre os santos não é tão relevante, pois no imaginário e nas práticas populares eles se confundem constantemente.

Segundo a hagiografia, Cipriano de Antioquia foi um bruxo e sacerdote pagão, que mantinha um pacto com o diabo para que realizasse diversas tarefas em seu favor. Entre elas, a mais popular era seduzir mulheres, trabalho que executava tanto para si quanto para outros homens que contratavam seus serviços. É isso o que Cipriano tentou com a virgem Justina, uma jovem convertida ao Cristianismo. Para se defender, Justina invoca o poder de Deus tão fervorosamente que os poderes do diabo não a atingiram. Isso decepciona Cipriano e o convence que o poder maior é de Deus, não de seu adversário. Ele, então, se converte, e passa a seguir Justina em sua vida de peregrinação e evangelização. Ambos foram perseguidos pelo Império Romano, à época comandado pelo imperador Diocleciano (284 d.C. a 305 d.C), e são sentenciados inicialmente ao açoite. Como resistiram, foram depois colocados no caldeirão de banha fervente, e novamente sobreviveram. Esse prodígio é considerado o primeiro milagre dos dois santos. Depois disso, seguiram para a decapitação e se tornaram mártires da Igreja (Ferreira, 1992, p. 85-89).

Sua lenda começa a circular na Europa logo após a data estimada de seu martírio. A origem na crença dos poderes sobrenaturais de Cipriano remonta ao século IV. A história sobreviveu de maneira dispersa e vestigial em feitiços, fábulas e principalmente em orações, um elemento essencial neste processo: manuscritas em pequenos papéis, possuíam um fim específico, normalmente de proteção ou de cura, mas também foram muito utilizadas na magia amorosa.

As histórias de São Cipriano nascem na tradição oral da região onde hoje é a Turquia e vão se espalhando pelo restante da Europa, tanto por meios orais quanto escritos. Ainda no século V, surgem as primeiras versões em grego da chamada *Confissão*. Esse primeiro texto é atribuído ao próprio santo e considerado eixo das futuras narrativas (Ferreira, 1992, p. 95). Também são mencionados outros escritos sobre sua vida, chamados de *Conversão* e *Paixão* ou *Martírio*, escritos em grego e em latim por volta do século V. Foram esses os três eixos responsáveis pela proliferação da lenda (Ferreira, 1992, p. 15).

No século XII, a lenda de Cipriano e Justina passa a integrar a *Legenda Aurea*, coletânea hagiográfica cuja primeira edição data de 1399. Essa versão conta o processo de conversão e martírio de ambos e atribui como sua data comemorativa o dia 26 de setembro. A partir daí, a história do santo começa a ganhar um corpo mais coeso e os documentos iniciais são traduzidos para outras línguas, como copta e o árabe, tornando-se ainda mais populares. (Davies, 2002, p. 198)

A disseminação das suas lendas é impulsionada pelo uso da Oração de São Cipriano para proteção e realização de desejos, que passou por uma série de versões desde o século XI, em diferentes idiomas, como latim, grego, árabe e etíope, se tornando uma peça-chave na dispersão da história e do culto ao santo. Owen Davies (2002, p.33) cita alguns dos usos que ele localizou para a oração: no Oriente Médio, as preces de São Cipriano eram usadas para conquistas amorosas; um popular livro de orações publicado em Constantinopla, em 1712, continha referências ao santo; na Armênia, existe ainda na atualidade um talismã muito popular feito de pergaminhos enrolados com as preces, usados para proteção. Juntamente com as orações há também a dispersão dos feitiços durante a Idade Média, principalmente para a magia amorosa, e são essas as evidências que Davies se baseia para defender a ampla popularidade de tais práticas mágicas.

As lendas e escritos ligados a Cipriano e Justina se tornam muito populares especialmente entre os séculos XIV e XV, integrando um contexto mais amplo da maior popularidade dos livros de magia. Produzidos em mosteiros, por religiosos letrados, originalmente eram uma fonte de conhecimento localizado e restrito, mas a partir da Baixa Idade Média foram traduzidos para as línguas vulgares e se transformaram em manuais que contemplam instruções com fins mais práticos. Além dos livros de São Cipriano, obras como a *Clavicula Salomonis*, talvez o mais famoso livro de magia europeu, também foram popularizadas nesse processo. O centro da Europa é um de seus principais pontos de difusão, especialmente a partir do século XIII, época na qual alcançaram a Península Ibérica pela fronteira com a França e começaram a ser difundidos a partir dos mosteiros nas regiões fronteiriças, como do reino de Aragão. Além dos já citados feitiços de amor e de cura, os papéis sobre São Cipriano trazem um elemento essencial nas formas contemporâneas dos livros de magia: a busca por tesouros (Veiga, 2020, p. 38).

### **Os Livros de São Cipriano na Península Ibérica**

As lendas e as práticas mágicas que permeiam a figura de São Cipriano foram organizadas em uma tradição de magia escrita, que são os chamados *Livros de São Cipriano*. Apesar de existirem diferentes versões com variações de conteúdo, é possível classificar tais livros como grimórios dentro da proposta de Owen Davies, pois o foco principal das suas instruções são as invocações de espíritos e demônios, o encontro de tesouros e a prática oracular. A partir do século XIX, com o impulsionamento da alfabetização e do mercado industrial de livros, essa tradição, que até então teria sobrevivido na intersecção entre suportes escritos e a

oralidade, se torna um livro propriamente dito, no formato de códice, e também um produto comercial.

Conforme a pesquisa do historiador Marcos Antônio Lopes Veiga (2020, p. 20-52) sobre os praticantes de magia e saludadores aragoneses, é possível encontrar vestígios da circulação conjunta tanto de textos atribuídos a Cipriano quanto a Salomão na Península Ibérica desde, pelo menos, o século XVII. Alguns desses documentos eram as chamadas *gacetas*, livretos feitos de material barato, com instruções para encontrar tesouros. Novamente para Davies (2002, p. 116-117), essas publicações influenciam os *Livros de São Cipriano* editados posteriormente, que passam a incorporar um capítulo sobre os tesouros da região da Galícia. Ele acredita que os livros portugueses são versões das *gacetas* e dos *Ciprianillos* da Espanha, por sua vez baseados em obras francesas. As edições criadas a partir do século XIX seriam desenvolvidas com base nos principais itens relacionados ao santo por duzentos anos, que são as orações de esconjuro e proteção, feitiços de amor e de cura, lista de tesouros e práticas de adivinhação. O pacto com o diabo também é presente em todos esses escritos, por ser o fio condutor de todas as histórias e importante elemento da sua lenda.

Segundo o pesquisador galego Félix Vicente de Castro (2017, p. 69-104), as diferentes edições portuguesas e espanholas dos livros de São Cipriano são publicadas entre a primeira metade do século XIX e começo do século XX, contendo tanto elementos de práticas mágicas tradicionalmente ibéricas quanto relações com os grimórios medievais. Castro acredita que os traços ligados às práticas necromânticas, chave nas obras medievais, são mais presentes nas edições espanholas. Nesses casos, há instruções para rituais de purificação, listas de demônios e fórmulas similares àquelas encontradas nos grimórios atribuídos ao rei Salomão, que não estão presentes nas edições portuguesas.

Apesar de conteúdos distintos, o que une as edições são as narrativas sobre a vida do santo e os procedimentos para desencanto de tesouros. Castro (2017, p. 76-77) ainda afirma que os grimórios de Cipriano passam por um processo de modificações e adaptações mais intenso do que o ocorrido com outras obras de magia e, por isso, ficam à margem das classificações tradicionais.

Chegaram até os dias atuais alguns desses livros de origem portuguesa, organizados e publicados no final do século XIX. Agora, será analisado um feitiço de *O Grande Livro de São Cypriano ou o Tesouro do Feiticeiro*, publicado por volta de 1895. É um produto editorial contemporâneo, em diálogo com a tradição oral portuguesa e com os procedimentos mágicos atribuídos a Cipriano desde os primeiros papéis do século V.

### ***O Tesouro do Feiticeiro***

*O Grande Livro de São Cypriano ou o Tesouro do Feiticeiro* foi publicado entre 1885 e 1900<sup>1</sup> pela Livraria Econômica. Dividido em três partes, agrega instruções para exorcismos, encantamentos, feitiços para diversos fins, orações e instruções de divinação, como cartomancia e quiromancia - a leitura do futuro pelas cartas do baralho e pelas mãos, respectivamente. Traz, ainda, as narrativas sobre a vida do santo, contando sua história com Justina, sua relação com São Gregório, a tentativa de São Cipriano converter uma bruxa e ainda dois casos amorosos, com as princesas Clotilde e Elvira.

A obra também assimila duas outras histórias não relacionadas à vida do santo. Uma delas é *Os Prodígios do Diabo – História Verdadeira Acontecida no Reino da Galliza*; e *A História da Sempre Noiva ou a Feiticeira de Évora*. A primeira conta a vida de Victor Siderol, um camponês francês que encontra um *Livro de São Cipriano*, faz o pacto e encontra um tesouro mágico. A segunda conta como Lagarrona, uma feiticeira de origem muçulmana da cidade de Évora, falhou ao usar a magia para casar seu filho com uma moça cristã. As duas histórias se passam em uma Idade Média imaginária, onde mouros e cristãos conviviam, ressoando o imaginário português sobre o período.

### **Necromancia**

As orientações do *Tesouro do Feiticeiro* podem ser divididas em três grandes temas: magia amorosa; curas e exorcismos; e desencanto de tesouros. Como já visto, essas temáticas e operações estão historicamente relacionadas a São Cipriano desde a Idade Média e têm como base a necromancia, operação mágica presente nos livros de magia medievais que chega até as obras contemporâneas.

A necromancia é a prática de magia que invoca os mortos. A palavra tem origem nos termos gregos *nekroi* (mortos) e *mancia* (oráculo), demonstrando que os mortos eram invocados para explicar situações ou prever o futuro (Ogden, 2004, p. 17-101). Para o historiador Richard Kieckhefer (1989, p. 70), todos os grimórios possuem uma origem comum nas práticas de necromancia. Mas durante a Idade Média, a prática de invocação dos mortos perdeu suas características oraculares e ganhou novas funções, que proliferaram entre os monges medievais.

---

<sup>1</sup> A obra não contém uma datação oficial impressa, mas na introdução consta uma nota de uma edição espanhola anterior, com data de 1885. Félix Vicente acredita que tenha sido publicada em 1893 (CASTRO, p. 95-97).

Assim, torna-se também o ato de invocar ou exorcizar um demônio e passa a ser uma forma de operar o poder dos seres infernais, em oposição aos ritos católicos que evocam o poder divino.

As histórias, feitiços e outros procedimentos do *Thesouro do Feiticeiro* trazem tanto as invocações quanto o exorcismo de espíritos e demônios, relacionando-se às práticas necromânticas. São Cipriano, como um feiticeiro e detentor de um pacto, acaba sendo associado a elas por sua relação com esses poderes e também por remeter ao sacerdócio cristão. Entretanto, a necromancia aqui não é incentivada. Pelo contrário, são ressaltados os perigos da execução de tais feitiços. Como exemplo, a advertência que vem logo após a seção “Maneira de obter um diabinho tomando pacto com o demônio”:

É preciso declarar que não expomos receitas diabólicas para que os leitores as pratiquem, deixamo-las aqui, porque entendemos ser de utilidade saber-se de tudo quanto é bom e mau, para que aqueles que tomarem mau caminho, se desviem d’elle a tempo, e nos agradeçam a intenção boa que fazemos transparecer nas paginas d’este bom livro, e também alimentamos a esperança de que Deus abençoará a nossa obra (*Thesouro do Feiticeiro*, 1895, p. 13-15)

O *Thesouro* possui um fundo cristão e, mesmo ao trazer feitiços e pactos, não deixa de lado a sua intenção de converter o leitor. Ele é concebido para que os operadores de magia conquistem seus objetivos momentâneos, mas ainda salvem sua alma. Assim, não poderiam deixar de avisar o suposto praticante dos perigos da prática mágica.

### **Desencanto de tesouros**

Apesar de diferenças de estrutura e de objetivos, ainda há grandes similaridades do *Thesouro* com a tradição medieval de magia escrita, sendo a mais forte delas a busca por tesouros escondidos e encantados.

Muito comum nas práticas mágicas de toda a Europa, a busca por tesouros é uma das principais motivações de diversos textos. Além da Península Ibérica, também está presente nos grimórios da França e da Alemanha. Consiste, normalmente, em um ritual no qual se fazem orações ou algum tipo de feitiço para descobrir a localização e retirar a proteção mágica ou o espírito que tomaria conta do tesouro.

No *Thesouro do Feiticeiro*, além de remeter a essas práticas anteriores, é possível ver a influência de lendas portuguesas e galegas da tradição oral sobre o período da conquista muçulmana, antes da consolidação do estado Português no século XIII. A ideia é a de que os mouros enterraram seus tesouros ao fugir, deixando-os guardados por seres sobrenaturais, e não conseguiram retornar para buscá-los, e os procedimentos de desencanto abarcam demônios, fantasmas e também mouras encantadas.

Um dos rituais de desencanto do *Thesouro do Feiticeiro* instrui o operador a localizar um ponto onde saiba que há um tesouro enterrado, conforme a lista do próprio livro. Lá, deve fazer uma série de procedimentos para desencantar a entidade que o guarda. Primeiro, riscar no chão um “sino saimão”, símbolo composto por vários triângulos cruzados. Feito isso, deve entrar no triângulo e rezar, primeiro, a Ladainha dos Santos em voz alta e, de preferência, de joelhos. O livro reproduz a oração Católica Romana, que evoca os nomes de vários santos seguidos da expressão *ora pro nobis* (em latim, “orai por nós”). Terminada a ladainha, o operador deve fazer uma segunda esconjuração, que tem início com o Breviário de Santo Antônio recitado em latim, oração também usada em Portugal para afastar demônios e maus espíritos (Thesouro do Feiticeiro, 1895, p. 51-52). Em seguida, deve continuar a oração com mais uma longa ladainha que evoca vários personagens do imaginário cristão e pede ajuda para desencantar o tesouro:

Em virtude de Deus Padre Santo, tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro, per virtude da Virgem Maria e de todos os Santos Apostolos Evangelista, Patriarchas, Prophetas, Martyres e Confessores, por virtude de Santo Ubaldo Franciso, eu, creatura de Nosso Senhor Jesus Christo (...) santíssimo nome desencanto este tesouro que está diante de mim enterrado; eu te mando debaixo do santo poder de obediência, que se abre já esta terra onde está depositado um theosouro que os mouros aqui enterraram; eu, pela vista d’esta luzes, mando que já me sejam entregues todos os tesouros que aqui estão debaixo d’esta terra em poder de Lúcifer e seus companheiros, mandado em nome de S. Cypriano (...) (Thesouro do Feiticeiro, 1890, p. 54)

A oração é finalizada com uma fórmula mágica ordenando o afastamento dos fantasmas que, segundo uma advertência, vão aparecer enviados pelo Demônio.

Interpretando esse procedimento, é possível deduzir que, a partir do momento em que o tesouro foi enterrado e colocado no subsolo, passou ao pertencimento do Demônio, já que tudo embaixo da terra pertence a ele, e que apenas o poder de Deus é capaz de purificá-lo e trazê-lo à tona. Cipriano aparece nesta invocação como um intermediário do poder divino, por ter conseguido sair dos domínios do Diabo – e o mesmo deve acontecer com o tesouro.

O uso do sino saimão é um indício tanto da ligação dos livros de São Cipriano portugueses com grimórios de necromancia medievais quanto com tradições da oralidade. Em Portugal, o símbolo assume várias versões e funções, a principal delas sendo a de proteger a pessoa que o usa. Francisco Bethencourt relata como o sino saimão foi usado por uma feiticeira que o traçava no chão e colocava-se em cima dele, para se proteger do espírito do morto ao contactá-lo (Bethencourt, 2004, p. 68-69). Seu uso mostra ainda uma apropriação do simbolismo judaico, que entra para o imaginário como algo apócrifo ao Cristianismo e, portanto, dotado de funções mágicas.

Segundo Kieckhefer (1989, p. 159), os *Manuscritos de Munique*, produzidos no século XV, traziam indicações para a proteção em um círculo mágico, que consistia em um triângulo dentro de um círculo, onde eram colocados vários objetos como anéis, óleos e outros itens. Entre as inscrições que deveriam ser feitas em tal círculo figurava a palavra AGLA, uma fórmula mágica que significa *Ata Gibor Leolam Adonai* (em hebraico: “tu és poderoso para sempre”), além de cruzes. A sigla AGLA, assim como os triângulos, também são utilizadas no *Thesouro do Feiticeiro*. A montagem dos *Manuscritos de Munique* é mais elaborada, mas similar à versão contemporânea, com pequenas diferenças, como a posição do operador dentro ou fora do círculo.

Este é apenas um dos vários procedimentos ensinados para o desencanto dos tesouros, sendo o mais elaborado e que exemplifica a junção de elementos portugueses (como a crença nos mouros, o sino saimão e a invocação a Santo Antônio), com temas e estruturas de rituais necromânticos que trazem a relação com um demônio, o aparecimento de espíritos e a necessidade de proteção contra esses seres. Essa relação exemplifica o que já foi colocado, de que os livros de São Cipriano trabalham elementos de uma cultura letrada com relação ao universo da magia e da religião que remonta a grimórios bastante anteriores ao século XIX, e ainda se apropria do imaginário local, fazendo uma transposição e uma relação de elementos das tradições de grimórios europeias para o universo da feitiçaria portuguesa (Barreto, 2022, p. 63-65).

### **Considerações finais**

É possível concluir que os textos europeus elaborados e utilizados com a intenção de encontrar tesouros encantados surgem de uma raiz comum, remetendo não somente às práticas, mas também a todo um universo mental que remonta suas raízes à Antiguidade Tardia e à Idade Média. São fundamentados em um mundo de escassez, onde uma grande riqueza seria a garantia de uma vida de prosperidade, em contrapartida com a realidade de sociedades muitas vezes rurais e dependentes de diversos fatores para a sua prosperidade, muitos deles fora do controle - como o clima e a fartura da colheita, por exemplo.

As semelhanças entre os procedimentos de desencanto de tesouros aqui referidos levam a crer que as operações mágicas mais complexas do *Thesouro do Feiticeiro* podem ser versões adaptadas de rituais mais antigos e trabalhosos, com instrumentos rituais que pessoas de camadas mais pobres talvez não tivessem acesso. Além disso, há a adaptação local, com listas

de locais onde o operador da magia pode procurar os tesouros, o uso do sino saimão e referência a entidades familiares ao imaginário português.

Essa visão corrobora a tese de Félix de Castro Vicente de que os textos ligados a São Cipriano passam por uma série de modificações até suas versões do final do século XIX. Mas ainda ressoam as características de tradições mágicas muito bem sedimentadas por toda a Europa, o que faz da tradição cipriânica uma valiosa fonte para pesquisas sobre magia. Além disso, traz questões importantes sobre a intersecção entre oralidade e cultura letrada, que ainda podem ser exploradas na temática das práticas mágicas.

Os livros de São Cipriano são obras ainda pouco estudadas pela historiografia, tanto brasileira quanto portuguesa, com um grande campo de exploração que permite pensar as possibilidades não apenas da sua relação dentro das tradições de magia da Europa, mas também de sua relação com o imaginário português e do seu papel na transposição de tais fatores para o Brasil - seja no período colonial ou durante a imigração portuguesa a partir do século XIX. O presente artigo é apenas um excerto das possibilidades contidas nessas obras e um convite a pesquisas mais aprofundadas sobre elas.

## Referências Bibliográficas

BARRETO, Inês Teixeira. **Da Mandinga à Macumba: a trajetória do Livro de São Cipriano no Brasil**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

BETHENCOURT, Fernando. **O Imaginário da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAVIES, Owen. **Grimoire: a history of magic books**. Oxford: Oxford Academic Press, 2002.

FERREIRA, Jerusa Pires. **O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas**. s.l.: Perspectiva, 1992.

KIECKHEFER, Robert. **Magic in Middle Ages**. Cambridge: Cambridge Academic Press, 1990.

s.a. **O Grande Livro de São Cipriano - O Tesouro do Feiticeiro**. Lisboa: Livraria Econômica, 1895.

VEIGA, Marcos Antonio Lopes. **Sob a capa negra: necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XVI e XVII)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2012.

VICENTE, Félix Castro. “O Livro de San Cibrán: unha realidade no imaxinario popular”. Murguía: **Revista Galega de Historia**, ano 1, n° 12, pp. 69–104. Extraído de: [https://galiciaencantada.com/archivos/docs/O%20Libro%20de%20San%20Cibrán.%20Unha%20realidade%20no%20imaxinario%20poular%20\(F.%20F.%20Castro%20Vicente\).pdf](https://galiciaencantada.com/archivos/docs/O%20Libro%20de%20San%20Cibrán.%20Unha%20realidade%20no%20imaxinario%20poular%20(F.%20F.%20Castro%20Vicente).pdf)